

POETAS FLUMINENSES

VOLUME I



Poetas fluminenses

VOLUME I

José Huguenin
(organizador)

Poetas fluminenses

VOLUME I

1ª Edição

AFL Edições
Selo Livros da AFL
Niterói – RJ

2026

2026© Academia Fluminense de Letras Vários Autores

Edição: José Huguenin
Capa: José Huguenin
Revisão: Ana Malfacini
Apresentação: Márcia Pessanha

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Poetas fluminenses [livro eletrônico] : volume I /
organizador José Huguenin. -- 1. ed. -- Niterói, RJ :
AFL Edições, 2026.

PDF

Vários autores.
ISBN 978-65-976591-0-4

1. Poesia brasileira - Coletâneas I. Huguenin,
José.

26-375188.0

CDD-B869.108

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia : Coletâneas : Literatura brasileira
B869.108

Camila Aparecida Rodrigues - Bibliotecária CRB -
SP-010133/O

Diretoria da AFL

Presidente: Márcia Maria de Jesus Pessanha
Vice-Presidente: Eduardo Antônio Klausner
1ª Secretária: Lucia Maria Barbosa Romeu
2ª Secretária: Luiza Cristina Rangel Pinto Sassi
1º Tesoureiro: Célio Erthal Rocha
2º Tesoureiro: Cleber Francisco Alves
Diretor de Acervo documental e bibliográfico: Marcelo Moraes
Caetano
Presidente de Honra: Waldenir de Bragança

SUMÁRIO

Projeto editorial Poetas fluminenses.....	5
---	---

Márcia Pessanha – Presidente da AFL

Uma arqueologia coletiva para poesia fluminense de ontem e de hoje.....	8
--	---

José Huquenin

Poetas do Volume I

Angra dos Reis / Brasil Reis.....	23
Bom Jardim / Júlio Salusse.....	27
Cambuci / Almir Azevedo.....	32
Campos dos Goytacazes / Heloisa Crespo.....	37
Cantagalo / Euclides da Cunha.....	63
Carmo / Evaldo Pontes.....	71
Mangaratiba / Emil de Castro.....	79
Niterói / Paulo Roberto Cecchetti.....	86
Piraí / Lúcio de Mendonça.....	90
Porciúncula / Poeta Dorinho.....	95
São Francisco de Itabapoana / Paulo Roberto Cunha.....	102
São Gonçalo / Décio Machado.....	109
Teresópolis / Gastão Neves.....	116
Vassouras / Lucindo Pereira dos Passos Filho.....	122
Volta Redonda / Pedro Viana Filho.....	127

Projeto Editorial Poetas Fluminenses

A literatura é uma das manifestações artísticas do ser humano. É a arte da palavra e possui importante papel social e cultural. Para o filósofo grego Aristóteles “a arte literária é mimese, imitação, é a arte que imita pela palavra.” E podemos acrescentar outras considerações sobre as funções e definições da literatura, para bem contextualizar a relevância do Projeto Editorial Poetas Fluminenses, organizado pelo acadêmico José Huguenin, presidente da Comissão Editorial da AFL Edições.

Entre outros citamos o crítico literário Afrânio Coutinho, ao declarar que “a literatura é, assim, a vida, parte da vida...Através das obras literárias tomamos contato com a vida, nas suas verdades eternas, comuns a todos os homens e

lugares, porque são as verdades da mesma condição humana.”

O projeto em pauta busca, através de pesquisa nos 92 municípios do Estado do Rio, mapear as Academias de Letras e traçar um percurso literário e histórico que evidencie a evolução da poesia fluminense. Um de seus objetivos é o de construir um espaço de encontro de escrita de poetas fluminenses de diversas épocas, para preservar a memória dos que já se encantaram, dar visibilidade aos silenciados e deixar um legado para as gerações futuras.

Já que o escritor tem o ofício de costurar sentidos por intermédio das palavras, rompe-se o silêncio de diversos silenciados na literatura fluminense, quer por esquecimento, quer por indiferença ou omissão, para que se costure um novo tempo/espço textual na edição dos Poetas Fluminenses, que José Huguenin, sabiamente, intitula de *Uma arqueologia coletiva para a poesia fluminense de ontem e de hoje*.

E se “Escrever é a maneira mais profunda de ler a vida”, segundo Ernest Hemingway, José Huguenin, ao organizar a edição de *Poetas Fluminenses* tenta unir esses poetas, tornando-os visíveis e legíveis para a comunidade acadêmica e para a sociedade.

Nossa instituição agradece a dedicação e o empenho do presidente da Comissão Editorial da AFL e a todos que colaboraram para a realização deste projeto, enriquecedor da história da AFL, que completa 109 anos no dia 22 de julho.

“*Per astra*” é o nosso lema.

Professora Doutora Márcia Pessanha – Presidente da AFL

Uma arqueologia coletiva para poesia fluminense de ontem e de hoje

O desenvolvimento da poesia brasileira, como não poderia ser diferente, pode ser considerado a expressão da própria constituição do país. Tomando sua fase inicial, a colonial, com seus "textos de informação" e os primeiros poemas produzidos por portugueses em solo brasileiro, a começar pelo Padre José de Anchieta, observa-se o despertar de contornos de uma poesia que passa a ganhar cores e sons tropicais.

Nos séculos XVII e XVIII, ressoou no Brasil o Barroco europeu, sobretudo por meio do baiano Gregório de Matos (1636-1696). O Arcadismo encontra, na estruturação arquitetônica e econômica do ciclo do ouro em Minas Gerais, nomes como os mineiros Cláudio Manuel da Costa, Basílio da Gama e Santa Rita Durão, o luso-brasileiro Tomás Antônio

Gonzaga e, com destaque especial, o fluminense Inácio José de Alvarenga Peixoto, nascido na cidade do Rio de Janeiro, em 1744, e falecido em prisão política, em Angola, em 1792. Proprietário de lavras no sul de Minas Gerais, participou da Inconfidência Mineira. Na historiografia da literatura brasileira, dentro do cânone estabelecido, talvez seja o primeiro poeta fluminense a alcançar destaque no cenário nacional.

Mas é no período do Romantismo, após a cidade do Rio de Janeiro receber a família real portuguesa e assumir o papel de centro político, econômico e cultural do território brasileiro, que autores fluminenses passam a ocupar posição de destaque no cenário literário, seja como precursores dessa importante escola, como Domingos José Gonçalves de Magalhães (Rio de Janeiro, 1811 – Roma, 1882) e sua obra *Suspiros Poéticos e Saudades*, publicada em 1836, seja pela fundação, nesse mesmo ano, em Paris, da *Niterói: Revista Brasiliense*, juntamente com o pintor gaúcho Manuel de Araújo Porto-Alegre, o jornalista e

político fluminense Francisco de Sales Torres Homem (1812-1876) e o escritor, historiador, crítico literário, romancista, biógrafo, jornalista e político fluminense João Manuel Pereira da Silva (1817-1898). Este último organizou a obra *Parnaso Brasileiro* (1843 e 1848), que pode ser considerada um projeto de memória e de construção da identidade literária brasileira. Em muitos aspectos, *Parnaso Brasileiro* constitui uma das primeiras tentativas de consolidação do cânone da literatura nacional.

Nos primórdios da literatura no território hoje conhecido como Estado do Rio de Janeiro, para além da capital imperial, encontramos um nome de grande relevância nascido e criado no município litorâneo de Cabo Frio: Antônio Gonçalves Teixeira e Sousa (1812-1861). Chamado por Alfredo Bosi de "primo pobre" do grupo fluminense, era afrodescendente, filho de pai português e mãe brasileira, uma mulher negra. Órfão desde muito cedo, exerceu o ofício de marceneiro, herdado do pai, para garantir sua sobrevivência. Aos 28 anos,

escreveu aquele que é reconhecido como o romance inaugural da literatura brasileira, *O Filho do Pescador* (1843), obra que influenciou o jovem Machado de Assis. Teixeira e Sousa também publicou obras poéticas, entre elas *Cânticos Líricos* (1841-1842), *Os Três Dias de um Noivado* (1844) e *A Independência do Brasil* (1847-1855).

Mais tarde, na chamada segunda geração romântica, outro nome de destaque da literatura brasileira foi Casimiro de Abreu (1839-1860), nascido na localidade que hoje leva seu nome. Tornou-se um dos poetas mais populares do país em sua época, e muitos de seus versos permanecem vivos no imaginário brasileiro, a ponto de inspirarem, ainda hoje, manifestações da cultura popular, como o tradicional bloco carnavalesco carioca *Simpatia É Quase Amor*.

Todos esses nomes, presentes nas principais obras dedicadas à historiografia da literatura brasileira, compõem o já mencionado "cânone" literário nacional. O conceito de cânone pode ser compreendido como uma seleção de obras

construída a partir de critérios de inclusão e, sobretudo, de exclusão. Evidentemente, tais critérios refletem a formação, a experiência, a visão de mundo e os pressupostos culturais daqueles que selecionam autores, autoras e obras.

A primeira antologia dedicada à reunião de poetas brasileiros foi *Parnaso Brasileiro*, publicada entre 1829 e 1831 e organizada por Januário da Cunha Barbosa (1780-1846), sacerdote, escritor, jornalista e historiador fluminense, um dos fundadores do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Atuante na causa da Independência, desempenhou papel relevante na formação da cultura letrada brasileira. Com o país recém-independente, era necessário demonstrar sua maturidade cultural; daí a importância de uma antologia que valorizasse autores brasileiros ou dedicados à realidade nacional. Dada a formação de seu organizador, havia também uma preocupação de natureza histórica: documentar a produção literária do país.

Alguns anos depois, veio à luz o já citado *Parnaso Brasileiro*, de João Manuel Pereira da Silva, cujo primeiro volume foi publicado em 1843 e o segundo em 1848. Seu objetivo, além de exaltar as letras nacionais, era evidenciar a evolução da poesia brasileira, contribuindo para a consolidação do Romantismo e para a organização da tradição poética nacional.

Logo em seguida, entre 1850 e 1853, foi publicado, em Lisboa, o *Florilégio da Poesia Brasileira*, organizado por Francisco Adolfo de Varnhagen (1816-1878), militar, diplomata e historiador paulista. Essa obra foi fundamental para a historiografia literária brasileira do século XIX e teve igualmente como propósito contribuir para a definição da identidade literária nacional. Além dos poemas, foram publicados comentários críticos e excertos biográficos dos autores.

Em 1882, o filósofo e poeta sergipano Sílvio Romero (1851-1914), membro fundador da Academia Brasileira de Letras e membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, publicou

Introdução à História da Literatura Brasileira, obra reconhecida como uma das mais importantes referências para o conhecimento da história literária do país.

No século XX, o chamado cânone amplia-se com a importantíssima *História da Literatura Brasileira*, de José Veríssimo, publicada em 1916. Nela observa-se um certo ecletismo e um relativo afastamento da tradição romântica, ampliando-se a representatividade da literatura nacional e consolidando aquilo que pode ser entendido como um nacionalismo de vocação universal, cujo principal expoente é o fluminense Machado de Assis.

Atualmente, destacam-se obras de grande relevância, como *Formação da Literatura Brasileira* (1959), do fluminense Antonio Candido (1918-2017), e *História Concisa da Literatura Brasileira* (1982), do paulista Alfredo Bosi (1936-2021). Dedicada especificamente à poesia, merece destaque *Uma História da Poesia Brasileira* (2007), do poeta, editor e ensaísta fluminense Alexei Bueno, nascido na cidade do Rio de Janeiro, em 1963. Ao

escrever estas linhas, consultando sua obra, recebo a triste notícia de seu falecimento, ocorrido na madrugada de 27 de junho de 2026.

Todas essas obras constroem, a seu modo e seguindo metodologias muito particulares, um quadro da literatura nacional no qual a poesia fluminense ocupa posição de destaque. É impossível, contudo, encontrar nelas a totalidade da produção poética do Estado do Rio de Janeiro, formado por noventa e dois municípios, cada qual com sua própria história e suas vozes poéticas, muitas vezes restritas às fronteiras locais, embora as redes sociais hoje potencializem o acesso às obras de autores e autoras de todo o mundo.

É nesse contexto que nasce o projeto *Poetas Fluminenses*, da AFL Edições, como mais um fruto do trabalho que a Academia Fluminense de Letras vem desenvolvendo em favor da integração da literatura produzida no Estado do Rio de Janeiro, com destaque para a fundação da FALERJ – Federação de Academias de Letras do Estado do Rio de Janeiro. Esse trabalho tem fortalecido e apoiado

a criação e a consolidação de academias de letras nos municípios fluminenses.

Não propomos estabelecer um "cânone fluminense" da poesia, mas criar um espaço de construção coletiva de uma identidade poética profundamente enraizada no Estado do Rio de Janeiro. Pretendemos envolver cada município em uma espécie de arqueologia coletiva, capaz de estimular a reflexão sobre os poetas e as poetisas do passado e do presente, constituindo, ao longo dos anos, um espaço permanente de conhecimento e valorização da poesia fluminense.

Esse projeto nasce com a ambição de tornar-se uma série anual de publicações, reunindo, em cada volume, um poeta ou uma poetisa representando cada município fluminense. A metodologia adotada para o projeto foi a seguinte: buscou-se identificar, em cada município do Estado do Rio de Janeiro, a existência ou não de academias de letras ou instituições congêneres. Nos municípios em que foram identificadas academias, procurou-se estabelecer contato para que essas instituições,

congregando escritores, escritoras e acadêmicos(as) da respectiva cidade, pudessem indicar um nome que representasse o município neste primeiro volume.

Nas cidades onde ainda não foram identificadas instituições literárias, entramos em contato com as secretarias municipais de cultura ou órgãos culturais equivalentes, para que pudessem selecionar poetas locais.

Uma das primeiras dificuldades encontradas foi justamente identificar, com precisão, a existência de academias ou de entidades congêneres, como grêmios literários e ateneus. De alguns municípios já possuíamos informações; outros exigiram pesquisa específica. Devo confessar que o fato de não participar de nenhuma rede social dificultou o contato com algumas instituições literárias, mas isso não nos desanimou. Nos municípios em que o contato foi realizado por intermédio das secretarias municipais responsáveis pela cultura, utilizou-se os canais oficiais disponíveis.

A pesquisa e os primeiros contatos tiveram início ainda no final de 2025. Diante das dificuldades encontradas, obtivemos retorno de aproximadamente quinze por cento dos municípios. Incentivado pela Presidente da Academia Fluminense de Letras, Profa. Dra. Márcia Pessanha, decidiu-se iniciar o projeto mesmo com um número reduzido de poetas. Afinal, por se tratar de uma iniciativa concebida para ser permanente, o propósito de reunir representantes dos noventa e dois municípios fluminenses apenas será alcançado ao longo do tempo. Pretendemos publicar, anualmente, novos volumes, sempre com nomes diferentes, até que todas as cidades do Estado estejam representadas. O material aqui reunido possui qualidade literária suficiente para ser colocado à disposição do povo fluminense e de toda a comunidade lusófona e representa, sobretudo, o espaço para a voz da comunidade literária de cada município, levando as instituições locais a refletirem sobre sua própria tradição poética.

Para este primeiro volume, foi sugerido às instituições que responderam ao convite que buscassem, preferencialmente, poetas de gerações mais antigas, especialmente aqueles e aquelas cuja memória ainda pudesse ser recuperada, não sendo necessário que tivessem publicado livros. A intenção era oferecer uma oportunidade de divulgação da obra de autores e autoras pertencentes a uma época em que a publicação literária era de difícil acesso. Contudo, as instituições participantes tiveram inteira liberdade para indicar o(a) poeta que iria representar seu município, inclusive autoras e autores contemporâneos. Isso faz com que esta obra apresente também um amplo espectro temporal, além do geográfico, conferindo ao projeto uma dimensão ainda mais significativa.

De fato, recebemos indicações de poetas contemporâneos, como nos casos dos municípios de Carmo, Cambuci, Campos dos Goytacazes, Mangaratiba, Niterói, São Francisco de Itabapoana e São Gonçalo, cujos representantes vêm oferecendo importantes contribuições à vida literária e cultural

de suas regiões. Angra dos Reis, Bom Jardim, Porciúncula, Teresópolis, Vassouras e Volta Redonda selecionaram autores que desempenharam papel relevante na formação da identidade literária de seus municípios e que também alcançaram projeção nacional na segunda metade do século XX.

Os poetas mais antigos foram indicados pelas academias de Cantagalo e Piraí, que escolheram nomes de grande importância para a literatura brasileira do início do século XX. Cantagalo indicou Euclides da Cunha, com o propósito de divulgar e fortalecer a imagem do grande autor de *Os Sertões* também como poeta. Sua produção poética permanece pouco conhecida, frequentemente ofuscada pela força de sua prosa. Piraí indicou Lúcio Mendonça, igualmente mais lembrado por sua atuação como prosador e por seu papel fundamental na criação da Academia Brasileira de Letras. Coincidentemente, Euclides e Lúcio mantiveram estreita amizade e extensa correspondência. Agora, indicados pelas academias de suas cidades natais,

seus poemas ajudam a inaugurar este espaço dedicado à divulgação da poesia fluminense.

Os poetas são apresentados em ordem alfabética dos municípios que representam. Assim, a leitora e o leitor encontrarão o nome do município, seguido do nome do(a) poeta, de uma breve biografia — fornecida pelas instituições participantes — e, na sequência, de até três poemas.

Este é apenas o primeiro passo de uma longa caminhada que se pretende para o projeto editorial *Poetas Fluminenses*. Há grande motivação para ampliar as participações, fortalecer o diálogo entre os municípios e incentivar cada comunidade a refletir sobre sua própria identidade poética. Quantos e quantas poetas fluminenses existiram e permanecem silenciados? Quantos e quantas poetas ainda produzem sua obra sem alcançar o reconhecimento que merecem?

É com esse espírito de interlocução entre todos os municípios do Estado do Rio de Janeiro que pretendemos construir um espaço permanente de encontro, memória e difusão da poesia nestas terras,

reunindo, ao longo dos anos, a produção poética de ontem e de hoje de todo o território fluminense.

Niterói, julho de 2026

José Huguenin

Organizador

*Presidente da Comissão Editorial da
AFL Edições*

Angra dos Reis

Brasil dos Reis

Benedito Angrense Brasil dos Reis Vargas, ou, simplesmente, Brasil dos Reis é considerado um dos maiores poetas fluminenses. Poeta, escritor, jornalista e fundador do Jornal “*O Litoral*”, de Angra dos Reis. Fez parte do Instituto Histórico Fluminense, Cenáculo Fluminense de História e Letras, Academia Campista de letras, Academia de Letras de Uruguaiana, Academia Internacional de Letras “Três Fronteiras” (Brasil – Argentina – Uruguai), Instituto Campograndense de Cultura e, junto com o Comendador Alípio Mendes e outros, foi fundador do Ateneu Angrense de Letras e Artes.

Poeta seleccionado pelo Ateneu Angrense de Letras e Artes

Uma pedra

Pedra, eu sou, como tu, rígido e impenetrável,
E ambos somos assim dois blocos de granito;
Tu, na austera nudez que te tornas insondável;
Eu, na tristeza atroz, neste egoísmo maldito!

Conservas-te através milênios inviolável
À tortura do tempo, a sondar o infinito;
Guardo no coração sereno e imperturbável
O rancor – o meu credo – e a descrença – o meu rito!

Vivo só para mim, evadido do mundo;
Vives só para ti, nem o musgo em ti medra,
E teu pétreo mutismo é qual o meu, profundo,

E somos dois infíéis, que as dores não consomem:
Tu, criatura, vivendo em teu sonho de pedra,
Eu, curtindo a tristeza ancestral de ser homem!

Postais Angrenses

Eu amo sinceramente
A terra que Deus me deu,
Que de mim faria um crente
Se eu fosse acaso um ateu.

O meu berço de inocente
Foi lá, também lá nasceu
Gente boa – brava gente
Como o esteta de “O Ateneu”!

A natureza em pletora,
Canta na voz da poesia
Nesse bendito torrão!

Terra de Nossa Senhora,
Terra de Júlio Maria,
Terra de Lopes Trovão!

Teu olhar

Teu olha tem clarões de nebulosas,
Chispas de sol e brilhos de alboradas,
Cintilações de estrelas misteriosas,
Clareando a areia adusta das estradas.

É ele que esplende pelas noites mortas
Da minha vida ilusões tão cheia;
Com ele é que de longe me confortas,
Por ele é que meu astro se incendeia.

Teu olhar atravessa imensidades
E vem de longe, num fulgor divino,
Iluminar o nicho das saudades
E as nuvens espantar do meu destino.

Por isso se estás longe como agora
Sinto-te em mim, alma serena e boa.
E em teu olhar que tem clarões de aurora,
Sinto um olhar de mãe que me abençoa.

Bom Jardim

Júlio Salusse

Neto de imigrantes suíços, Júlio Mario Salusse nasceu em Bom Jardim (30/03/1872) e faleceu no Rio de Janeiro (30/01/1948). Um único soneto o fez alcançar a glória: “*Cisnes*” foi publicado em cerca de 30 países e tornou Júlio Salusse o poeta mais declamado no final do século XIX e início do século XX. Em seus 75 anos de vida, escreveu 61 poemas, entre sonetos e quadras, e sua obra o alinha entre a dos epígonos do parnasianismo, guardando, porém, certas peculiaridades. Reconhecendo o valor literário de sua produção poética, a Academia Friburguense de Letras adotou este autor como seu patrono.

Poeta selecionado pela Fundação João XXIII da Secretaria de Cultura de Bom Jardim

Cisnes

A vida, manso lago azul algumas
Vezes, algumas vezes mar fremente,
Tem sido para nós constantemente
Um lago azul, sem ondas, sem espumas!

Sobre ele, quando, desfazendo as brumas
Matinais, rompe um sol vermelho e quente,
Nós dois vagamos indolentemente,
Como dois cisnes de alvacentas plumas!

Um dia um cisne morrerá, por certo,
Quando chegar esse momento incerto,
No lago, onde talvez a água se tisne,

Que o cisne vivo cheio de saudade,
Nunca mais cante, nem sozinho nade,
Nem nade nunca ao lado de outro cisne...

O Cavaleiro

Sombras de amadas, sombras de amorosas,
Vindas do mundo azul da fantasia,
Sob uma chuva de canções e rosas,
Passam por este livro em romaria!

Passam, envoltas numa lenda estranha,
Alvíssimas, diáfanas e belas,
E um louro cavaleiro as acompanha,
Completamente enamorado delas...

O cavaleiro é de fidalgo porte,
Tristonho olhar, alma desiludida,
E muitas vezes afrontou a morte,
Tanto desprezo lhe merece a vida!

Já foi visto a galope num ginete
E um morto sonho n'alma lhe flutua,
E na cabeça traz um capacete
E tem no rosto a palidez da lua!

À primavera ele prefere o inverno,
Prefere os sofrimentos ao prazer:
Até parece uma visão do Inferno,
Um singular, um caprichoso ser!

Não vos direi quem seja o cavaleiro
De nobre aspecto e rosto descorado,
Se trovador, intrépido guerreiro,
Ou, porventura, um príncipe encantado...

Jamais levantarei o véu espesso
Que um nome oculta no maior mistério:
Esse segredo, que só eu conheço
Irá comigo para o cemitério...

Pássaros

Façamos como os pássaros, façamos
Como os pássaros fazem no arvoredo:
Quando mão duvidosa agita os ramos,
Fogem todos os pássaros com medo...

Se o mundo descobriu que nos amamos,
Sem perda de um segundo,
Rapidamente, meu amor, fuja
Para longe do mundo!

Cambuci

Almir Pinto de Azevedo

Nasceu em Portela, município de Itaocara e vive há muitos anos em Cambuci, onde recebeu o título de Cidadão Cambuciense. Advogado há 50 anos, atuou em várias cidades do noroeste fluminense. Presidente dos Poetas Trovadores do Estado do Rio de Janeiro, Presidente em duas gestões da União Brasileira de Trovadores – UBT - NACIONAL - no Estado do Rio de Janeiro, membro fundador e atual Presidente da Academia de Letras e Artes de Cambuci. Recebeu vários prêmios. Tem várias obras publicadas em prosa e verso.

Poeta Selecionado pela Academia de Letras e Artes de Cambuci

Desenganos

Nunca pensei existir no mundo tantos desenganos, tanta
decepção,
e um sofrimento profundo de desigualdade social e
discriminação.

MAS EXISTEM.

Jamais julguei que alguns pudessem viver numa mansão
de luxo e riqueza e outros abandonados nas ruas onde
imperava o vício e a pobreza.

PORÉM VIVEM.

De jeito algum pode um homem matar uma mulher
alegando paixão.

Crime passional por ciúmes, no coração.

PORQUE QUEM AMA NÃO MATA.

De forma alguma a corrupção poderia ficar tão
banalizada, tão generalizada a tal ponto que o homem se
utilizasse de todos os meios para obter vantagem.

CONTUDO UTILIZA A ESTELIONATAGEM.

Também nunca imaginei que o que mais nos intimida,
é ver que o preço de uma vida é apenas de uma bala
perdida.

MAS É.

É inacreditável também que uma pessoa possa invadir
uma escola,
atirando e matando alunos indefesos, ataque terrorista
desumano.

ENTRETANTO CAUSA ESTE BÁRBARO DANO.

Jamais supus que um ser humano fosse capaz de
estuprar
e matar uma criança inocente.

TODAVIA ESTUPRA E MATA UM INFANTE.

É difícil acreditar que um jovem possa se tornar
terrorista:

Homem bomba suicida.

NO ENTANTO TORNA-SE HOMICIDA.

Tão pouco achei que um homem pudesse matar de
maneira tão cruel,

para roubar seu semelhante

PORÉM COMETE LATROCÍNIO CHOCANTE.

Nem que fosse possível uma pessoa sofrer preconceito
| racial

por causa da cor de sua pele, pelo seu próprio irmão.

NO ENTANTO SOFRE ESTA TERRÍVEL DISCRIMINAÇÃO.

Nunca pensei que um ser humano tivesse a coragem de
praticar relações sexuais com um ingênuo e menor de
idade ... Pedofilia.

MAS PRÁTICA, DESTRUINDO UMA FAMÍLIA.

Nunca imaginei que o nosso cristianismo puro e ideológico fosse tão aviltado, tão maculado, pela decadência teológica dos meios de comunicação, vendendo milagres.

MAS VENDEM.

Eu sonho com um mundo de honestidade
com o fim da desigualdade
sonho um mundo de justiça certa

EU NÃO SOU LOUCO, EU SOU POETA

Assim, pensei não encontrar inspiração nenhuma, para fazer poesia alguma, diante de tantos desenganos, tanta decepção, tanto fracasso.

MAS FAÇO... MAS FAÇO... EU FAÇO...

A certeza da morte

A certeza da morte não se nega,
é tão clara que a gente até aceita,
é tão lógica, certa e sem suspeita,
que ninguém nega.
Mas é dura e de surpresa nos pega,
sem dar nenhum aviso,
simplesmente, chegando de improviso.
Só a FÉ e a crença em Deus, que sentimos,
fazem vencer este momento terrível de adeus.
o suplício da saudade, esta angústia que sentimos
e seguir ... POIS VIVER AINDA É PRECISO...

Campos dos Goytacazes

Heloísa Crespo

De Campos dos Goytacazes/RJ, pedagoga, terapeuta em Reiki, poeta, ativista cultural, com livros publicados: “Sonho e Liberdade”, “A voz que não quer calar”, "Antologia dos poetas e prosadores da Academia Pedralva Letras e Artes (Organização e participação), vários Opúsculos e publicações em várias antologias, jornais, revistas literárias, sites, blogs e em órgãos da imprensa de Campos dos Goytacazes/RJ. Membro efetivo da Academia Campista de Letras, da Academia Pedralva Letras e Artes, do Instituto Histórico e Geográfico de Campos dos Goytacazes e Membro Fundador Vitalício da Academia de Letras do Brasil, Seccional Campos dos Goytacazes, RJ.

Poeta Selecionada pela Academia Campista de Letras.

Escrever é preciso

**“Foi em julho que nasci,
sou leonino de fato;
mas tanto, tanto sofri,
que o tal leão virou gato...”**

Assim escreveu Waldir.

Com esta trova eu abri
sua vida num relato.

O escritor Waldir Carvalho
dentro e fora da cidade
é um nome respeitado,
pela sua integridade,
por tudo que fez na vida,
sua obra, sua lida,
sua versatilidade.

Antes de tudo poeta.

Desde menino um ator.

Alfaiate de primeira,
um grande pesquisador
de Campos dos Goytacazes.
Autor de inúmeras frases,
próprias de um pensador.

Sempre foi dado à leitura
de umas peças teatrais
de autores estrangeiros
e de muitos nacionais.
O teatro frequentava.
No Trianon sempre estava
nas Revistas Musicais.

Desde bebê aprontava.
Nascido em Santo Amaro,
comendo banana figo.
Aos dois, três anos deparo
com a estória de um sumiço,
andando com todo viço,
vivendo um momento raro!

Colocou toda a família
e também a vizinhança
numa procura infernal.
Foi achado em segurança
atrás de u'a moita de cana,
por Nhanhá, que estava insana,
depois de muita andança!

Nhanhá que contava histórias,
que lhe deu o primeiro banho.
Foi sua segunda mãe.
E não é nada estranho
em tudo o que ele fez,
com a influência talvez,
de Nhanhá de olhos castanhos.

Pela parte do seu pai
Waldir Carvalho tem Pinto,
mas pela parte da mãe,
é um Carvalho distinto.
Nunca se orgulhou de ter,

pelo seu jeito de ser,
o sangue de Juca Pinto,
que era o seu bisavô,
conhecido na história
da escravidão na Baixada,
pela maneira inglória
de tratar os seus escravos.
Era um senhor muito bravo.
Isso guardou na memória.

Aprendeu o ABC
com a sua mãe Carmelina.
Concluiu o seu primário
com a professora Etelvina.
Com ela participou,
num teatro que criou
com a maior disciplina,
da peça “Juiz de Paz
na Roça”, de Martins Pena.

A partir daí então,
depois de viver as cenas,

hoje ele tem a certeza,
que foi uma chama acesa.
Sabe que valeu a pena!

Escreveu textos e textos
ao longo da sua vida
pra serem representados.
Mas fez também investidas
através de poesias,
cujo caminho abriria,
quando uma delas foi lida.

O Jardim Nilo Peçanha
com a sua Academia,
não recebeu nada igual,
nem mesmo nas cercanias,
nunca viu ato solene
mais terno e será perene,
relembrado a cada dia!

Lida por Sílvio Fontoura
na redação do jornal

“A Notícia” que publica,
com tão importante aval!
Depois foi Júlio Nogueira,
que numa ideia certa,
edita no seu jornal,
no matutino “A Cidade”,
um poema que ele leu,
da festa de Santo Amaro.
Depois do que aconteceu,
Valdir partiu pra mostrar,
onde hoje é o Boulevard,
vários textos que escreveu!

Eram textos teatrais
que foram analisados
por pessoa exigente,
o mestre Gastão Machado.
Passou mais a conviver,
procurando aprender,
com escritores consagrados.

Nessa época Waldir

alfaiate era ainda,
costurando ternos, roupas,
dramas, comédias bem-vindas.
Depois da alfaiataria,
para o rádio ele iria,
já que estava na berlinda.

O rádio era a novidade
e nele foi redator
e produtor de programas.
Esquetes, peças do autor
faziam grande sucesso.
Sucesso que foi expresso
na audiência ao escritor.

Tudo isso acontecia
nu'a emissora pioneira
do nosso Estado do Rio,
que tinha como bandeira
a programação ao vivo,
num sistema criativo,

sendo mesmo uma parceira
dos artistas da cidade,
a nobre Rádio Cultura,
de Mário Ferraz Sampaio,
que deu toda cobertura
às novelas radiofônicas,
que foram a grande tônica
na audiência da Cultura.

Waldir tinha os seus “scripts”
No início humorísticos.
Foi através deles que
foi visto o seu lado artístico.
E triunfante ele entrou,
seu trabalho divulgou,
mostrando o seu senso crítico.

A estréia aconteceu
bem na hora do Café,
onde o Agnaldo Rocha
interpretava com fé

os seus textos de humorismo,
com um forte realismo,
como locutor que é.

Depois de entrar na Cultura,
ter o seu contrato feito,
teve aulas de gramática,
para um linguajar perfeito.
Estudou literatura.
O seu português apura
e dele tira proveito.

Professor Antônio Sarlo
deu aulas para Waldir
e também o aconselhou
que passasse a produzir
outros tipos de novela.
Para a histórica ele apela.
Não foi difícil aderir.

Escreveu “A Epopéia
de Patrocínio primeiro.

Depois Saldanha da Gama.
Nisso ele foi pioneiro.
Descreveu Nilo Peçanha
e relatou as façanhas
de outros heróis, por inteiro.

Da equipe na Cultura,
do técnico ao ator,
relembra Valdemar Lobo.
Não esquece Salvador
Macedo, nem de Lucy
Gasparini que ali
estrelou com o Vovô

da Floresta; Lia Márcia,
Noelcides Guimarães;
José Braga e muitos outros,
que encantavam os seus fãs;
Derly Silva e outros artistas,
que eram bons humoristas
e muitos deles, galãs!

Jobel Ramos era um
sonoplasta de primeira.
Prisco de Almeida, maestro,
numa bonita carreira.
Tinha a direção artística,
uma veia jornalística
e atitudes companheiras.

Bueno Braga e Hernon Viana
eram apresentadores.
Também Jece Valadão,
Nilton Fonseca a cores,
ao vivo em vários programas,
onde a alegria derrama
e agrada aos frequentadores.

“O Destino a Deus pertence”,
“Almas Negras”, “Amargura”,
foram algumas das novelas
escritas com a assinatura
Waldir Pinto de Carvalho,
que adora o seu trabalho,

escrevendo aventuras,
enredos bem filosóficos,
outros bem “água com açúcar”,
narrações de fundo histórico,
bem reais. Não são malucas!
“Saldanha da Gama” é uma,
entre outras que costuma
falar, que não são caducas!

Muitas vezes elas são cômicas
ou mesmo de ficção.
Como Waldir é versátil!
Está sempre em ação...
No rádio foram dez anos,
com novatos, veteranos,
da gerência à redação.

Foi da Jornal Fluminense.
Foi da Campos Difusora.
No rádio fez amizades.
Todas incentivadoras:

Waldebrando, José Salles...

Neste mundo o que mais vale
é a amizade duradoura!

Teve um apoio da crítica
nos seus programas finais
com rádio biografias,
de pessoas com ideais,
que começaram do nada,
mas como eram esforçadas,
tornaram-se magistrais!

Após seu desligamento
do rádio em definitivo,
tornou-se um funcionário
ligado ao executivo
da prefeitura de Campos,
num trabalho em novo campo,
que era muito exaustivo!

Era na tesouraria.
Enfim, virou tesoureiro,

mas escrevia artigos
com calma, sem desespero,
para rádios e jornais.
Mas nas coisas ilegais
diz não e não por inteiro.

Por isso é afastado
do seu trabalho diário,
ficando à disposição.
Não descansa, ao contrário,
enquanto é pai-motorista,
vira aluno extremista,
num estudo voluntário,
pelo Projeto Minerva.
Enquanto espera sua filha
que trabalha na escola,
Waldir faz a sua trilha:
No rádio as aulas ouvindo.

Mas... acaba desistindo
e um outro curso palmilha.
Adquire os fascículos

da editora Abril,
cursando o Ginásial
Intensivo que assumiu.
Foi aprovado nas provas
e outra etapa se renova.
E os estudos prosseguiu.

Comprou o material
todo por correspondência
na cidade de São Paulo.
Fez as provas na seqüência,
após seis meses de estudos,
com língua estrangeira e tudo.
Viva a sua inteligência!

Findou o Segundo Ciclo.
Mais uma etapa vencida.
Com este certificado
continuou na investida
do saber cada vez mais.
Criou novos ideais,

com a família na torcida!

No dia da inscrição
pra fazer o vestibular,
a secretária entregou
a filha que estava lá,
a ficha pra preencher.
Ficou surpresa ao saber
que o pai iria estudar.

Fez o curso de Direito.
Seu genro Gelson é colega!
Enquanto estuda escreve
seus artigos e navega
em novas experiências,
que estavam em evidência
e ao cinema se entrega.

Participa do primeiro
e segundo festival
só de filme “super 8”,
atuando afinal

no enredo e direção,
cenografia e ação,
de maneira especial.

Nos roteiros pro cinema,
que fez e foi premiado,
nos dois festivais seguidos,
com os filmes inusitados:
“Desajuste” e “A Carona”.
Vencedor na maratona.
Foi por Rui Barros filmado.

Rui Barros foi o produtor.
Waldir nesses filmes feitos
foi também o diretor.
Os intérpretes, perfeitos!
Entre alguns Fátima Castro,
Marisa Gomes, os astros
de um elenco sem defeito!

Foram colaboradores
de Rui Barros e Waldir,

Hilton Barros e Orávio
de Campos que vem abrir
o “parabéns pra você”,
num relato pra valer,
no jornal depois de ouvir
e entrevistar o escritor
no dia do aniversário,
em 27 de julho*,
do agora octogenário,
o grande memorialista,
que, sem dúvida, é bairrista
e não tem adversário!

Desde menino ele ia
em Baixa Grande ao cinema.
Depois veio pra cidade,
criando um estratagema
para ir ao Trianon
divertir-se muito com
as comédias que eram tema.

Nunca deixou de escrever,

sempre brincando com as trovas:

Na homenagem a Zeni,
até hoje, desde nova;
ao nascer filhas e netos;
para os genros e bisnetos;
Pra quem gosta ou desaprova.

Publicou dezesseis livros.
“Gente que é nome de rua”
foi o primeiro lançado.
Depois desse não recua.
“Se não me trai a memória”,
Waldir conta a sua história
e sua vida continua.

Registra duas saudades:
Adilson Rangel – Noblesse;
João Sobral – “Ao livro Verde”.
Amigos que não esquece.
Cita prêmios recebidos,
os diplomas conferidos,
títulos que o engrandece.

O poeta Waldir Carvalho
pertence as Academias
de Campos dos Goytacazes
e numa delas seria
algum tempo presidente
o que fez, galhardamente,
com muita sabedoria.

Assim foi na ACL.
Pertence à UBT,
ao ICL e ao ILA.
Em Niterói a saber
é também reconhecido,
tanto que foi acolhido,
membro efetivo foi ser.

Primeiro foi no Cenáculo
Fluminense de História
e Letras, tão importante!
Depois também foi a glória
de entrar para a Academia,
onde logo ele seria

membro e parte da história
da Fluminense de Letras!

O prêmio Alberto Lamago,
medalha de Honra ao Mérito,
diplomas que tem apego.
A medalha Tiradentes,
honra que orgulhosamente
guarda e tem muito chamego.

É o reconhecimento
pelo esforço e trabalho
bem feito e muito decente,
forte como um carvalho.
Muitos são da prefeitura
pro homem da envergadura
do escritor Waldir Carvalho.

Se perguntarem ao Waldir:
Quais as manias que tem?
“A mania de escrever,

é uma que é... um bem!”

Por isso, tantos escritos,
com o maior gabarito,
que vai muito além de cem,

publicados e inéditos:
crônicas, contos, monólogos,
entrevistas, minisséries,
e como é teatrólogo,
lindas peças teatrais;
novelas originais,
com excelentes diálogos.

Cada verão no Farol
lançava o seu jornalzinho,
com nomes interessantes,
editados com carinho:
“Farol Feira” e “O Caranguejo”...
realizava o desejo
de escrever, que é um “viciozinho”.

Fez louvores ao Farol

através de poesias.

Uma delas é um soneto
recheado de harmonia:
é “Farol de São Tomé”,
a linda praia que é,
onde passa uns bons dias.

Afirma Waldir Carvalho
que o homem precisa muito
da mulher em sua vida
e ele teve o amor gratuito
da sua musa Zeni,
das suas filhas Zedir,
Walnize, Zalnir, seus frutos!

Interessante o casal
que teve somente filhas.
Das filhas, somente netos
e os netos voltam na trilha.
Só tiveram (até agora),

bisnetas, que ele adora!
Assim é a sua família.

Em conversas separadas
das suas filhas ouvi:
Que quando eram pequenas,
não batia nas guriis.
Sentava numa poltrona
e na conversa detona,
“Falando daqui pra ali”,
somente aconselhando.

palavra é o seu chicote.
Nos poemas e homenagens
as filhas não usam mote.
Falam sério de Waldir,
com ternura, a sorrir,
do pai que tem muito dote
para ser pai de verdade,
“pai-exemplo”, “pai-ternura”, .
pai-companheiro, amigo.

Pai que não diz, nem faz juras,
porque só usa a verdade,
transparência, lealdade,
seriedade e brandura!

Cantagalo

Euclides da Cunha

Euclides da Cunha nasceu em Cantagalo, em 20 de janeiro de 1866. Ficou órfão de mãe muito cedo o que o obrigou a mudar-se. Morando no Rio de Janeiro, formou-se engenheiro militar pela Escola Militar da Praia Vermelha. Atuou como engenheiro, jornalista e correspondente durante a Guerra de Canudos, experiência que deu origem à sua obra-prima, *Os Sertões*. Sua vida foi interrompida tragicamente em 1909. Além da prosa, Euclides da Cunha cultivou a poesia. Citamos o caderno “Ondas”, publicado postumamente. Seus versos, de inspiração romântica e parnasiana, revelam sensibilidade lírica, patriotismo e interesse pela natureza e pelo destino humano, além de diferentes experimentos estéticos.

Poeta Selecionado pela Academia Cantagalense de Letras.

A eterna luta

A fome

Vem criança, tu sofres - tua fronte
Gelei co meu bafejo... essa revolta
É jogral!...

A desgraça

De teu fúlgido horizonte
Eu apaguei os astros!...

O vício

Vem!...

O crime

Vem!

A consciência

Volta!...

A fome

Olha além... quanta luz!...oh!... que harmonia
Das harpas de ouro e de marfim se leva...
Ah!... compara isso à tua cova fria!..

A donzela

Sim!.. quanta luz...

A razão

Aquela luz é treva!...

A fome

Oh!.. vem depressa, o frio te congela!...

O frio

Ó fome, irmã... os meus cinéreos véus
Ressumam dor - do lamaçal à estrela
Porejam fel - da podridão aos céus!...

Caminha, irmã... além - o Vício em meio
Da luz - disseca uma consciência morta!
- Eu tenho de gelar ainda um seio... -

A fome

Do Vício eu vou somente até a porta!...

O túmulo

Criança - estaca - aquela luz é bela
Mas tecem noites os lampejos seus...
Vem a meu seio - oh! ele é negro e gela
Mas o seu fundo é uma aurora - Deus!...

A Cruz

Não vai... te ampararei - tua dor é imensa!...
Pois bem semeia nos meus pés teu pranto
E nascerá a calma, a fé e a Crença!...

A estrela

Se és nua faz com meus raios um manto!

A fome

Vem! não ouvis do estômago o atroz grito

O estômago

Oh!.. Sim, sim, sofro muito!...

A carne

- E eu, irmão!...

O túmulo

Vem!...

A carne

Bah!.. túmulo!... ou cala-te ou vomito!...

A consciência

Volta!...

A fome

... segue!..

O vício

Vem!...

A consciência

... não!...

A fome

...sim!...

O desespero

sim! não!

[Há nos teus olhos escuros]

Há nos teus olhos escuros
Tantas centelhas, que ao vê-las
penso na treva e nos brilhos
Das noites cheias de estrelas...

Penso em cousas singulares,
Indagando entre os delírios:
Por que é que os céus ainda brilham?
Por que não se apaga Sirius?

Álgebra lírica

Acabo de estudar... da ciência fria e vã
O gelo, o gelo atroz me gela ainda a mente
Acabo de arrancar a fronte minha ardente
Da página cruéis de um livro de Bertrand.

bem triste e bem cruel decerto foi o ente
Que esse Saara atroz sem auras, sem manhã
- A álgebra - criou, a mente, a alma mais são
Nele vacila e cai sem um sonho virente...

Acabo de estudar e pálido, cansado
De umas dez equações os véus hei arrancado.
- Estou cheio de spleen, cheio de tédio e giz...

É tempo, é tempo pois de - trêmulo, amoroso -
Ir - dela descansar no seio fervoroso
E achar de seu olhar - o rutilante X!...

Carmo

Evaldo Pontes

Evaldo Pontes nasceu em 1952 no município de São João da Barra - RJ e mudou-se para o Carmo em 2003. Músico e fotógrafo, atualmente aposentado, tem na poesia sua grande paixão. Autor de cerca de 1600 poemas, tem 8 livros publicados, com destaque para *Assim é Carmo* e *Carmo sob trilhos*, onde a cidade e os cidadãos carmenses são matéria prima para os poemas. Sua atuação na poesia é tão impactante na cidade que foi homenageado dando nome a uma biblioteca comunitária. Venceu vários concursos de poesia na região. Em 2023 foi agraciado com Título de Cidadão Carmense.

Poeta selecionado pela Secretaria de Cultura do
Município do Carmo

Interestelar

Absorto,
Na penumbra da alcova.
Olho a lua
E minh'alma, se ejeta.
Minha meta
Cumpro, se faz sol ou chova
E meu estro;
Entra em cena e já atua.

O que vejo,
Dá prazer, minh'alma louva
Não recua,
Segue interestelar.
Absorve, o que vê fixo, ou que se mova
Não deleta,
Mas a tudo perpetua.

Regozijo-me,
Não há nada que me afete.

Cada imagem,

Tão dândi, quanto seleta

Impossível,

Quem contemple e não se envolva,

Um delírio;

A verdade nua e crua.

Inebrio-me,

Entre os astros, sigo avante,

Delicio-me,

Com a mais perfeita anáfora.

Peregrino,

Com alento sigo o curso,

Sem discurso;

Sem ficção ou metáfora.

Itororó

Ante doce marulhar
Do translúcido itororó
Um exíguo lago se forma,
Seguindo de Deus a norma,
Tal qual módico igapó.

O que abunda
Entre a densa brenha escoá,
Seguindo seu curso e senda,
Sobre pedras, entre fendas,
De forma melodiosa ecoa.

Frêmitas águas
Do itororó em belo fluxo,
No lago emite o reflexo,
E eu, ante a récita, perplexo,
Inebriado com o refluxo.

Pequenas ondas
Se formam com o impacto,
O lago se perde entre espuma,
Que em busca do oceano, ruma,
Mantendo o primórdio intacto.

No estribo do bonde

Vai-se a vida,

O tempo tão rápido passa,

E eu,

Em pé no estribo do bonde,

Qual passageiro sem rumo.

Pergunto:

Vamos pra onde?

Mas ninguém me responde.

Sobe, desce

Para, anda

Vira a curva, passa a ponte,

Mas...

O fim do itinerário

Olha;

Não há cristão que conte.

Vira a esquina
Pega o beco,
Nada entendo, engulo seco.
Vai e vem, no vilarejo.

Sob o parque, faz contorno
E...
Inocente, como um corno;
Inda sou alvo de gracejo.

Passa a hora,
Passa o dia, passa o mês,
Vai *coroné*
Vem barão, volta visconde
E eu,
Em pé, no estribo do bonde;
Sem saber pra onde vou.

Absorto,
Deixo a vida me levar;
Mesmo sem saber pra onde.
Olho o céu,

Das árvores vejo a fronde.
Sinto-me hirto e catatônico,
Em pé;
Sob o estribo do bonde.

Mangaratiba

Emil de Castro

Emil de Castro nasceu em Mangaratiba – RJ, em 1941. Formou-se em Direito. Tem colaborado em diversos jornais e revistas do país. Participa de diversas analogias, dicionários e enciclopédias. Em 2003, criou e fundou a Academia Mangaratibense de Letras e Artes – AMLA, tendo sido o seu primeiro presidente. Vive em Mangaratiba, no estado do Rio de Janeiro. Poeta múltiplo, Emil faz uma poesia de temática variada, abrangendo a especulação metafísica, o lirismo amoroso e a autodefinição metapoética. Obra poética: *O relógio e o sono* (1969); *Habitação em campo urgente* (1973); *Aprendiz do nada* (1992); *Calidoscópio* (1992); *Estação de partida* (2002); *Poemas* (2002 – antologia); *8 poemas* (2002); *Reserva de sonho* (2003); *Exercícios* (2003); *A margem esquerda*

(2003); *Código da terra* (2003); *50 poemas escolhidos pelo autor* (2003).

Poeta selecionado pela Academia Mangaratibense de Letras de Artes

Didi

São onze passos co-
medidos
com a medida
desmedida
desmentida
deslavada (mente)
na cara da gente.

São onze possíveis
esperanças
fiapos de esperas
multidão de olhos
concentrados.

E Didi mede o infinito
entre a bola
e o fundo
do vazio

o desenho articulado
e seus pés
osculam o verde na última carícia
e tocam na seda do tempo

e voa a folha
seca
se contorce no ar
olho e bola
e arrebenta o vazio.

Recado a um Poeta Maior

De viagem cheguei de um país
onde possível é tudo perfeito.
Minha retina reteve os becos
e meu pé modelou o tempo.
Vi tua família compondo um eito
de chão lavrado de angústias.
Vi o rosto de tua irmã no
espelho do rio que mordida
tua casa nas noites de enchente.
Vi bois esquálidos pastando
o verde suado de orvalho; panos
secando ao vento de agosto
e uma estupenda lua redonda
e bêbada; e vi Dulce a tua amada
ainda na porta te esperando
eternamente tua e virgem.

Fuga

Não viaje pela Europa,
Paris não vale
A sua infância.

Viaje pelo sonho na estrada aberta.
Sua casinha na Marambaia
A praia perdida
E a palmeira dando adeus
Ao Mario P. quando partiu.

Deixe escorrer a paisagem por seus olhos
E onde houver caminhos penetre
Nos recessos do mundo que naufragou
Nas páginas amarelas do gibi mensal.

Não viaje pela Europa
Roma não vale
O seu circo de cavalinhos
Seu teatro de brinquedos

E a neguinha safada de dentes
Brancos como sua alma de menino
Que ficou atrás do retrato
Para não perder o gosto
Da vida.

Niterói

Paulo Roberto Cecchetti

Nascido em Niterói/RJ em 12/12/1948, é publicitário, poeta, haicaísta, autor de 32 livros, criador e fundador do movimento cultural “Escritores ao Ar Livre” e membro do Conselho da Academia Niteroiense de Letras.

Poeta selecionado pela Academia Niteroiense de Letras

Amizade

Vamos falar de amizade
ou qualquer outra conversa
perdida no canto da sala.
Falar, por agora,
das viagens guardadas
no fundo da mala.
Vamos falar de tudo
um pouco mais
e até de um tempo
que ficou pra trás...

Poemeto da separação

Apaixonado
escrevi tantas palavras,
profundos versos,
sem remorso
e você mandou-me
às favas...

O amor

O amor, essa delícia,
agora mesmo me sufoca
com beijos ardentes e carícias
que te deixa louca
e a mim demente.
Ah, o amor que acende
o corpo, a alma,
e nos surpreende!

Piraí

Lúcio de Mendonça

Nasceu em *Piraí em, 10/03/1854 e faleceu no Rio de Janeiro, 23/11/1909*. Com o falecimento do pai, aos 4 para 5 anos de idade, Lúcio é mandado para São Gonçalo do Sapucaí/MG, para a casa de parentes. Aprende a ler e a escrever sem “*professor de primeiras letras*”. Aos 10 anos, já matriculado no Colégio Pimentel, funda o jornal manuscrito “*A Aurora Fluminense*”. Aos 18 anos publica o seu primeiro livro “*Névoas Matutinas*”, com prefácio de Machado de Assis. Exímio contista, comparado a *Guy de Maupassant*, destaca-se, também, por seus versos, sendo considerado pelo crítico Silvio Romero, como o “*criador da poesia social em nossa terra*.” Publicou apenas um romance, *O Marido da Adúltera*, inovador por dar voz à mulher no caso do adultério tratado na obra.

Formado em Direito pela Faculdade de São Paulo, advoga em cidades mineiras. Muda-se para Valença/RJ, onde funda o Partido Republicano. Com a Proclamação da República, causa pela qual lutou incansavelmente, é nomeado Ministro do Supremo Tribunal Federal. “Pai e fundador” da Academia Brasileira de Letras, assim reconhecido por Machado de Assis e Joaquim Nabuco, escolhe como Patrono da sua Cadeira 11, o poeta de Rio Claro/RJ, Fagundes Varella.

Poeta selecionado pela Academia Literária de Pirai.

A propriedade

A A. J. ESTEVES JÚNIOR

Sua, rasgando o seio à terra dura,
Ao sol ardente, o rude jornaleiro;
E na lôbrega mina fria, escura,
Lida e mata-se o intrépido mineiro.

No inclemente oceano traiçoeiro,
O pescador, que o negro céu tortura
Com as gélidas cordas do aguaceiro,
Em cada onda à morte se aventura.

Na cidade, entretanto, o gordo agiota
Farto digere e consolado arrota,
Pousando o cálix de licor enxuto.

O que o Trabalho ganha em todo um dia,
Sua Alteza o Capital, que se enfastia,
Em meia hora o fuma – num charuto.

(Continua)

A besta morta

Na senzala, no chão, numa esteira amarela,
Jaz o filho de *Cham*, o maldito. É um velho.
No mal coberto ombro os vestígios do relho
Traçaram-lhe uma cruz, a única que o vela.

Cruza no peito as mãos roídas do trabalho.
Sobram do cobertor os grossos pés informes.
Dorme, descansa, enfim, que do sono em que
dormes
Já não pode acordar-te a sanha do vergalho!

Como única oração que tua alma proteja,
Por sobre a podridão de tua boca fria
Vibra no ar zumbindo a mosca de vareja...

Enquanto, ao longe, o sino, em voz cansada e lenta,
Reza, doce cristão, a sua Ave-Maria,
E o moribundo sol as nuvens ensanguenta.

Duas noites

Hontem, no baile, estavas tão bonita!...
Mas também tão esplêndida!... ai de mim!
Porque minh'alma fica triste e afflicta
Quando te vejo deslumbrante assim.

Quando te vejo assim – belleza altiva
- A dominar a turba que se humilha, –
De te vir a perder apprehensiva,
Minh'alma se confrange. Escuta, oh filha:

Mais formosa te achei, de olhos vermelhos,
Aquele noite, em câmara sombria,
Velando piedosa, de joelhos
Ao pé da velha escrava que morria.

**preservada a grafia da época*

Porciúncula

Poeta Dorinho

(Theodoro de Castro Filho)

Dorinho, como era conhecido em Porciúncula, foi o pseudônimo de Theodoro de Castro Filho, também registrado como Theodoro Carvalho de Castro. Nascido em Capanema, viveu na cidade, onde atuou como redator de O Porciunculense e colaborador de O Bonde. Produziu quase uma centena de poemas, mas nunca publicou livro. Sua obra, marcada pela saudade e pelo lirismo, permaneceu dispersa. Autodidata, destacou-se também na matemática, ensinando com dedicação. Faleceu em 1956. Em sua homenagem, a Lei nº 390, de 18 de agosto de 1964, denominou uma via como Rua Theodoro Carvalho de Castro, conhecida pela população como Rua Poeta Theodoro de Castro Filho.

Poeta selecionado pela Secretaria Municipal de Cultura de Porciúncula

Nunca mais

Nunca mais gritarei o teu nome,
Chamando por ti!
Não ouvirás, também, como outrora,
O latejar constante de meu coração,
Que me mandava querer-te,
Na mudez sagrada do silêncio.
Nunca mais abrirei a minha boca,
Balbuciando o teu nome,
Para que ela não sinta como outrora,
A vontade insaciável de beijar-te,
Absorvendo-te toda,
Na carícia morosa de meus lábios,
Na carícia vampírica do desejo,
Onde a febre de mil amores,
Falavam por mim.
Nunca mais, diante de ti,
Abrirei os meus olhos,
Para te ver!
Nunca mais ouvirás em teus ouvidos,

A minha voz cansada,
A minha voz que tanto te falou
Sem nunca dizer nada!

Quando você me veio

Quando você me veio,
Eu todo era esquecimento!
Meu coração parado estava,
Não mais ouvindo a voz do passado,
Que me mandava querer...
Uma neblina gelada
Toldava a luz dos olhos meus;
As estrelas desapareceram,
Apagadas no infinito!
A lua não mais brilhou!
O sol cerrou seu olho imenso,
Vestindo de crepe a terra toda,
Como se o céu estivesse fechado,
Suas portas de luz!
Quando você me veio,
Ensurdecidos estavam os meus ouvidos,
Emudecidos os lábios meus,
Parados os meus sentidos!
Sentimentos mortos viviam em mim

Como fantasmas, embalados pela mudez!
Sombras, saudades, esperanças:
Ciprestes desfolhados,
No jardim ressequido de minha vida!
Rosas que murcharam,
Orvalhadas pelo hálito frio
Do esquecimento!
Violetas que se ocultaram
Na folhagem espessa
De um passado longínquo:
Cinza!

Mulher encantada

Mulher encantada
Teu corpo de fada,
Esguio macio,
Qual uma carícia,
É como a delícia,
De mel sazonado,
De amor, de pecado,
De tudo que há
De mais delicado!
E quando tu passas,
Mulher encantada,
Na curva da estrada,
Do meu pensamento,
Eu fico um momento,
Pensando centrado,
Que todo infinito:
Estrelas, luar,
Se curvam, se estendem,
P'ra vê-la passar!

Se um dia eu pudesse,
Mulher encantada,
Roubar a alvorada
Que em ti resplandece,
Teria um reinado,
Teria um milhão,
No cofre vazio
De meu coração!

Porciúncula

São Francisco do Itabapoana

Paulo Roberto Cunha

Paulo Roberto Cunha nasceu em é poeta, mediador cultural e cofundador da Confraria da Poesia Informal (CPI). Autor de *Ipê Amarelo*, *Oásis* e *Ipê da Paz*, dedica-se à poesia livre, às oficinas de escrita criativa e ao incentivo de novos autores. Sua obra nasce do cotidiano e convida o leitor a enxergar a vida, as pessoas e a natureza com sensibilidade, transformando a travessia humana em poesia.

Poeta selecionado pela Secretaria de Cultura de São Francisco do Itabapoana

Ipê Amarelo

Se querem conhecer um pouco de minha alma
procurem dentre tantos e tantos alguns versos,
que sejam deles: Augusto dos Anjos, Drummond,
| Pablo Neruda...
porque visto poesia e, somente dela, o prazer a mim
| desnuda

Se querem saber onde param os meus olhos,
frente a esta cruel realidade refletida;
— roda-viva, consumição de todos nós —
meus olhos param nestas árvores esquecidas

Aprisionadas entre concretos e asfaltos,
Inundam-me os olhos prisioneiras árvores,
não obstante agarram-se aqui, na agonia de sugar a
| cada
instante tão escasso subsolo...

Ah... Mas se após a minha partida
sentirem por mim saudades...
procurem-me nas matas reluzentes,
ou nos versos de poetas tão ausentes...

Pois serei para sempre, o ipê mais amarelo
por entre todo aquele verde relicário, contudo,
deixo enraizado na fartura deste chão, o meu
| repúdio
a cobiça desses desumanos homens que se
| corrompem
e nos matam sem razão.

Há árvores esquecidas.
E homens que se esqueceram de olhar.

Meu nome

Não sei como nasci, nem quando isso se deu
não faço aniversário, nem faço ideia do meu
meu lar é aqui, onde meu corpo parar
foi assim que cresci, procurando sempre um lugar

A minha cama, ontem, foi a calçada
hoje, de uma loja, será a soleira
mas não posso
não posso nunca marcar bobeira

O meu café é o resto que tiver
como migalhas, bebo sopa quando vem
quando tem, nem uso colher

Bebo no copo de plástico, rápido,
aflito por devorar, louco para esta fome
maldita me largar

O meu nome é o que te agradar
me chamo moleque, me chamo menino,
me chamo João, neguinho ou José...

Do que você quiser, me chame!
Eu não tenho nome, tampouco tenho certidão
só de raiva, também não sou cidadão

Talvez, o certo, é que seja eu um número
de uma estatística qualquer.
Eu só sei que nasci, mas, não sei como se deu
meu lar é aqui... Aqui em qualquer lugar
onde meu corpo finalmente tombar.

Rua, vida nua... pertencimento, e só.

Cicatriz

Pela manhã
no meu cedinho
tomo um café, leio poemas...
Ferreira Gullar

E ao som de Pink Floyd
viajo...

É como se em minha vida
houvesse um fundo musical
que, sonoramente,
representasse tudo o que sinto...

Então, do próprio Gullar
me vem à cabeça:

“Aqui
me
tenho

sem mim”

Acordes cortam minha carne
e os versos do poeta
marcam-me feito cicatriz.

Às vezes, só estamos fisicamente.

São Gonçalo

Décio Machado

Décio Machado é poeta, radialista, escritor, compositor, artista plástico, contista, cronista e Embaixador da Paz. É membro da AGLAC - Academia Gonçalense de Letras, Artes e Ciências, ocupante da cadeira nº 20, que tem Joaquim Nabuco como patrono. É o primeiro escritor gonçalense a ser traduzido para mandarim na China. É autor dos livros *O Revisor*; *Iverson*, *O Caçador de Letras*; *Adaflor*, *A Menina Alada* - fábula rimada; *Zé Maleta*, *Peripécia de um infantilista*; *Zé da Manga*; entre outros.

Poeta selecionado pela Academia Gonçalense de Letras, Artes e Ciências

Tocaia

Hoje
Hoje eu vi
A noite brilhar
Com um som AFRICANO
De uma NEGRA A CANTAR

Era mata fechada
Com correntes nas mãos
Era sangue NEGRO
Era força de irmão

Arar o campo
Plantar a cana
Sapatos pra branco
Sou mãe Africana

E tão destemida
Na senzala pregava
O legado de um povo

Que os filhos herdaram

E a fé da menina

Pelo açoite passou

Pelos os troncos da vida

Que a história apagou

Tocaia, tocaia

Desdouro de uma nação

Tocaia,

Tocaia

Grito de Abolição

Oculto do sujeito

Não vivo mais do passado
Fico mais atrelado
Ao meu conto presente

Hoje sou eloquente
O meu adjetivo
Pontua o objeto direto
Poetizo o concreto
No meu ponto final

Hoje os meus escritos
Deslizam sobre o caderno
Interrogam os verbos
Exclamando o lirismo
Prefaciando o Cordel

Tu és a primeira pessoa
Em minha vida
Personagem

Sujeito das minhas reticências
E narrativas

Entre vírgulas,
Aspas e parênteses
A tua língua conjuga
As minhas indagações

Agora
Escrevo a própria história
Declamo de memória
O meu próprio poema

Com alegria
Liberto a poesia
Que está no meu peito
E verbalizo
O OCULTO DO MEU SUJEITO

Olhos de poeta

Poeta,
Abra os olhos
E veja o mar
Água cristalina
Ondas contínuas
O sal a borbulhar

Fite o espelho d'água
Onde o CéU é refletido
Sob o prisma da vida
Com idas e vindas

Ao longe
O sol se esconde
Formando sombras
Além do horizonte
Que lhe faz navegar

Agora
Feche os olhos, poeta
Imagine as ondas partindo
Para o seu destino

De repente
Uma voz eloquente
Vem lhe falar

Poeta,
Pensa que poderá descrever
A beleza do azul degradê

Suas letras
Não conseguirão retratar
Mesmo abrindo os olhos
E olhando para o mar

Teresópolis

Gastão Neves

Gastão Cerqueira Neves nasceu em Teresópolis em 29 de julho de 1927. Jornalista, poeta, romancista, exímio declamador. Faleceu em 2010. Conhecido como “O Poeta Vertical”, por sua estatura e sempre dizer poesia em pé. Escreveu obras incríveis, e deixou livros publicados no Brasil e em Portugal. Foi Secretário de Cultura em Teresópolis, Diretor do Departamento de Cultura do Estado do Rio, Diretor da Biblioteca do Estado do Rio, Diretor de Relações Públicas do Estado de São Paulo, Presidente da Fundação de Atividades Culturais de Niterói, entre outros cargos ligados às Culturas. Fez inúmeras apresentações no Brasil e em Portugal ao lado do violonista Jorge Péculas. Criou em Niterói diversos eventos, como o Torneio Nacional de Poesia Falada e o Festival Brasileiro de Canto Coral. Membro Fundador da Academia Teresopolitana de Letras,

recebeu em maio de 2005 o merecido título de Cidadão Benemérito do Estado do Rio de Janeiro. Deixou obras maravilhosas, como “*Senhora dos Sonhos Mortos*” em 1960; “*Tempo de Espera*” em 1966; “*A Rosa faz o Poema*”, 1969; “*Signo do Espanto*” (romance) 1975; “*Romanceiro de Canudos*” 1992; “*Folhetim Brasil/95*” em 1995; “*A Sentença do Tempo*” 2001; “*Diário da Procura*” (romance) 2001.

Poeta selecionado pela Academia Teresopolitana de Letras.

As cinco musas

Não são musas da Grécia na harmonia
Do Olimpo ou dos cantares da Odisseia
Erato a lírica, um canto, uma Elegia
Ou a Deusa de Fídias, Ateneia

A dor estóica, o fruto da Eugenia
Ciência da vida, acesa flor da ideia
Luz da beleza e da filosofia
Caliope heroica e os louros da Epopeia

São deusas, brandas musas, são meus lírios
Ornamentando o amor, acesos círios
Das noites catedrais, manhãs meninas

São cinco minhas musas, deusas vivas
Duas Europeias, três nativas:
Deusas e musas, fêmeas e felinas!

Soneto do adeus

O beijo solto no ar, o breve adeus
De tuas mãos de ave, fim caça
O longe nos teus olhos e nos meus
O teu rosto de curva na vidraça

O espaço vazio entre os dois eus
Impedindo que a vida se refaça
Esse tempo de amor nas mãos de Deus
Em minhas mãos o fel da última taça

Imolado aos mistérios desse ofício
De amar, reparto à mesa o vinho e o pão
E por amor me entrego ao sacrifício

Mas se a vida me nega o que procuro
Invento o poema, espero a compulsão
Recrio, te renovo e me reinauguro...

Auto-retrato

Meu coração de vidro bombeia
lágrimas de sal e sumo de limão
nas veias que alimentam meu retrato
passado a limpo na memória

(Há sempre uma mulher que me abre a porta
Enxuga meu suor, massageia meu corpo
Abre os lençóis da sua cama
E esquecemos do tempo à flor do sexo)

Não guardo ódios, nem falsas amizades
Desconheço inimigos. Companheiros, muitos;
Amigos, posso conta-los nos dedos
Da mão esquerda.

Meu coração de vidro bombeia
Lágrimas de sal e sumo de limão
Nas veias que alimentam meu retrato
Passado a limpo na memória

Na parede da sala de visitas
Da casa onde nasci
Meu retrato envelhece
Calendário do Tempo espera a hora
De encerrar-me por inteiro na moldura
Onde terminam todas as relíquias!

Vassouras

Lucindo Pereira dos Passos Filho

Nasceu em Diamantina-MG em 16/08/1847, faleceu em Vassouras-RJ em 01/07/1896. Estudou no colégio Roussim, em Juiz de Fora- MG e se formou médico na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Exerceu a função na guerra do Paraguai, sendo condecorado por Dom Pedro II. Foi médico, musicista, jornalista, filólogo, latinista, professor, político e escritor. Notável como médico. Excelente como professor, profundo conhecedor do idioma português e do latim. Juntamente com Rodolfo Leite Ribeiro, Herculano de Figueiredo e Alberto Brandão, criou o primeiro Jornal em Vassouras, “*O Município*”, e depois o segundo, “*O Vassourense*”. Teve como colaboradores os amigos: Machado de Assis, Raymundo Correia, Alfonso Guimarães, Lúcio

de Mendonça, Raul Pompéia, Arthur Azevedo, Olavo Bilac, entre outras. Traduziu para o português algumas obras clássicas de autores como Virgílio, Longfellow e Carrasquilla. Ao piano, compôs cerca 26 obras musicais. Casou-se 2 vezes, teve 10 filhos.

Poeta indicado pela Academia Letras de Vassouras.

A uma santa

Tu me acusas de vario,
Ter muitas crenças e nenhuma ter;
E irônica desafia-me o rosário
De quantas podes, filha, conceber.

Quando mesmo assim fosse, que importará
Se contrito implorasse-te perdão,
Deslumbrado ante a luz que hoje me aclara?
Bem vês, não tens razão.

Dizer-te, em compunção e tanta,
Que minha religião és tu somente;
Dizer-te que te adoro, minha santa,

Que ao teu altar me curvo reverente,
É dizer-te o que tu sabes - Vem, levanta
A quem se te confessa penitente!

Epigrama

Queixava-se Alzira um dia
De sofrer do coração;
Respondeu-lhe o doutor: - "Não!
Tal moléstia é fantasia.
Quando Deus fez a mulher
De uma costela de Adão,
Não lhe quis muito de indústria
Um tal órgão conceder;
Se não o tens, como então
Dizes sofrer
Teu suposto coração?"

Berceuse

Em meus braços dorme, dorme!

Quero embalar-te querida,

Quero ver-te adormecida,

Presa deste amor enorme,

Deste amor que me enche a vida.

Volta Redonda

Pedro Alves Viana Filho

Nasceu em Barra do Piraí/RJ, em 18/10/1926 e mudou-se para Volta Redonda em 1942, onde residiu até o seu falecimento em 1/10/2010, aos 83 anos. Participou da inauguração do GREBAL – Grêmio Barra-mansense de Letras, de Barra Mansa/RJ, em 1975, e do GLAN – Grêmio Literário de Autores Novos de Volta Redonda/RJ, em 1975. Tomou posse na cadeira nº 15, como membro fundador da Academia Barra-mansense de Letras, de Barra Mansa/RJ, em 2004, e como membro fundador na cadeira nº 10 da Academia Volta-redondense de Letras, em 2005. Publicou vários livros, onde demonstrou toda a sua característica poética e religiosidade, evidenciadas em: *As maravilhosas parábolas de Jesus*, em 1993, de poesias, e *O mais seletto humor evangélico*, volume I, em 1993; II, em 1994; III, em 1995, e IV, em 1996, dos quais fizeram parte pequenos contos e alguns

poemas. três de suas obras ainda inéditas e que permanecem sob a forma de livretos, nos quais Pedro Viana demonstra claramente toda a sua habilidade como um poeta-historiador: *A guerra de Canudos*, de 1997; *As batalhas de Guararapes*, de 1998 e *Uma luz na história*, sobre a vida do Marechal Rondon, em 2000.

Poeta selecionado pela Academia Volta-redondense de Letras.

A natureza

Dos ínvios cerros espargindo olores,
um vento forte a debruçar ramagens,
e dos arbustos a arrancar folhagens,
transforma a relva em estendal de flores!

E num dealbar sublime de esplendores,
o sol fulgente, a decorar paisagens,
no campo agreste projetando imagens,
é um mar de luz de divinais fulgores!

Cortando a encosta da altaneira serra,
corre um regato fecundando a terra
e se transforma em gigantesco véu.

Este espetáculo de real beleza
é o cenário gentil que a natureza
repete sempre, como um dom do céu!

Crepúsculo

Vivi o amor; a ânsia do amor: a vida
primaveril da bela juventude;
o sol ardia n'alma embevecida,
com toda a força, em sua plenitude!

Vivi esta ilusão desvanecida
da vida, numa efêmera quietude!
Hoje, saudosa da estação florida,
minh'alma ascende em vã solicitude!

O dia passa e dá lugar à tarde;
o sol declina, já sem luz, não arde;
a noite chega, se despede o dia!

E quando o sol descamba no poente,
sinto saudade de um amor ausente,
e sinto n'alma como a noite é fria!

Paz e amor

Em vez de guerra, vou fazer amor.
Em vez de ódio, te darei carinho.
Por entre espinhos colherás a flor;
Num mar de beijas vou fazer meu ninho.

Se o mal vier, suportarei, a dor,
pois nesta vida não serei sozinho.
Mesmo no frio eu sentirei calor:
Estás comigo em todo o meu caminho.

E vou seguindo pela estrada afora,
ganhando amigos ao romper da aurora,
cantando amor enquanto existe vida!

Quando atingir o termo da jornada,
espero um beijo da mulher amada
e muitas flores como despedida!

